



REDATOR PRINCIPAL:

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração — Calçada do Cembo, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. teleg. Talhava — Lisboa • Telefone: ?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O Parlamento

NOTAS & COMENTÁRIOS

Mais uma p'rò monte

S. Bento fechará esta semana. Propósito era o momento para se analisar, ainda que rapidamente, o que fizeram, durante o actual período legislativo, os indivíduos que, à tarde, se reúnem no velho edifício fradesco, intitulando-se abusivamente representantes do país. Todavia, isso não se pode fazer, porque o parlamento, na verdade, nada faz que interessasse, limitando-se a discussões estériles, ao cultivo cuidadoso da política esquecendo por completo que o país está a braços com a carestia da vida, que há grandes problemas a tratar, os quais reclamam rápida solução. Os actuais parlamentares, mais uma vez demonstraram a inutilidade e perniciosa da falseada representatividade popular; dentre eles não saiu uma ideia, não se firmou um princípio, não se tratou com escrupulosa atenção uma das muitas questões que interessam à opinião pública.

Quem assistisse a uma sessão da câmara dos deputados, teria ocasião de observar a forma gabófeira como pelos pais da pátria eram conduzidos os trabalhos, o ambiente de café da Baixa, próprio ao gracejo e à discussão destinada a matar o tempo, que se respirava. Alguns, que se atraíram a pedir a palavra, gestulavam despejadamente e engrossavam a voz, procurando chamar a atenção dos colegas, mas estes, reunidos em grupinhos, mergulhados em cavaço ameno, por completo se abstraíam do que o orador tratava, limitando-se a aprovar ou reprovar, conforme a indicação dos respectivos leaders, os documentos que a presidência submetia à sua apreciação.

S. Bento vai fechar. Bom seria que nunca mais abrisse, que devesse terminasse com esse espetáculo vergonhoso, pois o povo, conhecendo de sobra a inutilidade de ir às urnas, que não exprimem a sua vontade mas a dos políticos que no momento se encontram no ministério do interior, em absoluto se desinteressa de tam triste máscara, desinteresse que bem eloquente se demonstra com o redondíssimo número de votos colhidos pelos actuais representantes do povo.

Por vezes, comparámos as sessões parlamentares com as sessões dos principais organismos sindicais. Quo diferença! Certo é que nas segundas não abundam determinadas flores de retórica, certos burlamentos de frase; mas aparecem ideias, tratam-se os diversos problemas de interesse geral com acentuada ponderação, observam-se todos os seus detalhes, produz-se melhor, mais recto e muito mais sô. Ao passo que o parlamento se preocupa com a baixa e rasteira politiquice, com os interesses de campanário, com que cá fora, entre a grande massa inóma, não existe quem lhes cocheie as manhas. Enchem as coisas dos seus jornais, mantidos com dinheiros, de proveniência escura, com cotidianos reclames aos trabalhos e obras do parlamento, exaltando-as num estilo grandiloquo com que contam, afigurant do centro de leitor os comentários que a observação singular do espetáculo de S. Bento, desperta; tomam ares de profundos pensadores de criaturas de vida sacrificada, queimando constantemente as pálpebras no estudo nunca descurado dos males de

Por vezes, comparámos as sessões parlamentares com as sessões dos principais organismos sindicais. Quo diferença! Certo é que nas segundas não abundam determinadas flores de retórica, certos burlamentos de frase; mas aparecem ideias, tratam-se os diversos problemas de interesse geral com acentuada ponderação, observam-se todos os seus detalhes, produz-se melhor, mais recto e muito mais sô. Ao passo que o parlamento se preocupa com a baixa e rasteira politiquice, com os interesses de campanário, com que cá forá, entre a grande massa inóma, não existe quem lhes cocheie as manhas. Enchem as coisas dos seus jornais, mantidos com dinheiros, de proveniência escura, com cotidianos reclames aos trabalhos e obras do parlamento, exaltando-as num estilo grandiloquo com que contam, afigurant do centro de leitor os comentários que a observação singular do espetáculo de S. Bento, desperta; tomam ares de profundos pensadores de criaturas de vida sacrificada, queimando constantemente as pálpebras no estudo nunca descurado dos males de

Pois é verdade. O parlamento vai fechar, e bom seria que, para suprir a sua falta, qualquer casa de espetáculos tomasse a iniciativa de inaugurar uma série de matinées baratas com que o populo lachio se divertisse...

Quem são os que fazem a alta?

Mais um caso típico — Uma preciosa confissão oficial. Colossal destruição de riquezas :: :: :: :: :: ::

Vejamos mais um caso caricatural. Passa-se em França, e é o senador Dierière que assim o refere na *L'Événement de Paris*, número de 16 de Agosto:

Compraram-se 15.000 viaturas, camionetas, 10.000; 35.000 automóveis americanos e grande quantidade de gêneros (de valor de dois bilhões e meio). O sr. Paulo Morel, o grande ministro dos Stoks, está já de posse de dez bilhões em mercadorias. Tudo isso sem dúvida se destina a ajudar o público francês. Pois não parece. Quando o interrogam, o sr. Paul Morel responde: «eu não posso largar isso imediatamente, porque

O Governo joga na alta. E toda a gente espera, os comerciantes das nossas regiões libertadas que desejam adquirir automóveis, os industriais que querem máquinas e os famintos que estão mortos por comer».

Mas há mais e melhor, e esta é narrada pelo burguesíssimo e conservador *Corriere della Sera*, de Milão, que a reproduz do *Matin*:

O grande campo americano de Prusler transformou-se ultimamente (meados de Junho) numa vasta fogueira, com fogo de petróleo e de borrasca queimada. Uma imensa charneca

período de Romorantin recebe na extensão de uns quinze quilômetros milhares e milhares de automóveis reformados de todas as aplicações e de todos os tamanhos, inúmeras motocicletas, alguns quase novos e ainda encaixotados. Mesmo deteriorados, seriam de fácil conserto, mas preferem destruir-lhos.

Turmas de pretos americanos empurraram esses veículos, em grupos de três ou quatro, até pequena distância, regam-nos de petróleo e chegam-lhes fogo com uma longa vara.

Porque? O Governo norte-americano, não podendo tornar a levar para África todo aquele material, deseja vendê-lo em boas condições a pequenos industriais e comerciantes. Mas o governo da República, ao mesmo tempo que por um lado proíbe a sua venda, do outro não o quer adquirir por sua conta. E assim se vão em fumaços milhões de francos!

E revoltante! Mas é próprio do sistema capitalista, é essencial ao regime.

Numa sociedade bem organizada, possuindo coletivamente os meios de produção e de transporte e produzindo para benefício de todos e satisfação das necessidades de cada um, aquele precioso material de condução seria logo aproveitado para facilitar o apropriação e a distribuição dos produtos.

Mas em regime de propriedade privada e de salarial, de produção guiada pelo interesse particular e pelo lucro de uma oligarquia, a abundância é um mal, sobretudo em ocasião de carestia. E há quem persista em defender esta monstruosa organização social.

Encontrando-se há quatro semanas em greve os camaradas soldadores e trabalhadores das fábricas de conservas em Almada, e sendo o pessoal grevista associado no Sindicato Único Metalúrgico, apela-se para a solidariedade de todos os camaradas metalúrgicos, a fim de auxiliarem aqueles camaradas em luta.

Na sede do sindicato encontra-se uma comissão especial, que distribui listas a todos os camaradas que as requisitem, a fim de nas respectivas oficinas abrem quetes, e mais uma vez se faz notar que a classe dos soldadores, tanto pelo seu método de luta, como pela forma que presta a sua solidariedade em prol das outras classes, é bem digna de consideração de toda a organização operária.

Em regime de propriedade privada e de salarial, de produção guiada pelo interesse particular e pelo lucro de uma oligarquia, a abundância é um mal, sobretudo em ocasião de carestia. E há quem persista em defender esta monstruosa organização social.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Mais uma p'rò monte

No Congresso corporativo de Amsterdã, Legien, secretário da Central operária alemã, opôs o mais formal desmentido à balela que os jornais burgeses tinham feito correr a respeito das oito horas de trabalho na Alemanha: o operariado germânico tinha renunciado a essa conquista; em benefício da produção nacional... que em toda a parte o patronato é o primeiro a reafrear, para não provocar a baixa dos excelentes preços de guerra.

E, pois, mais uma p'rò monte para a montanha de carpéteos antiproletários erguida pela imprensa a serviço do capitalismo internacional.

Ou mais duas, pois que se disse o mesmo a respeito do operariado italiano, o que é também redondamente falso.

O fim de semelhantes entruxices é evidente, mas não pega. O operariado sabe que, entre as precárias melhorias obtidas em regime burguês, a redução de horas é, ainda assim, a melhorinha, a mais fecunda em consequências. Além disso, reduz a desacção e, por outro lado, empurra o patronato para o desenvolvimento da maquinaria e aperfeiçoamento da técnica, o que é uma boa maneira de colaborar no aumento da produção e da capacidade produtiva...

Entre banqueiros

O sr. Cohen é aquele corrector de fundos da praça de Lisboa que está prêto sob a acusação de ter defraudado várias casas bancárias desta cidade num importânciade quinhentos contos, mais palmo menos polegada. Não era propriamente para comer, nem para pagar a renda da casa, que ele ia desviando tam importantes somas. Sô o sr. José Malhau recebeu o acusado, de comissão, 45.000\$00 em oito meses.

E esta casa, a quem pelo visto faz muita falta o sr. Cohen, está disposta a entrar com 20.000\$00 para evitar qualquer procedimento criminal contra o inculpado. Não temos o mais pequeno interesse em que estes gatunos finos vão bater com os ossos ao Limoeiro, como qualquer «Calcinha» que rouba um pão à porta dum padaria; nem sequer nos regojizamos com o facto. Regojizamos apenas, como mera curiosidade, o procedimento das autoridades e da alta finança. E quedamo-nos a pensar na bagatela que este sr. Malhau teria ganho para poder dar de comissão, a um seu empregado, 45.000\$00 em oito meses. A alta finançal Pode lá acabar tam sacrosanta instituição!

A desmoralização do trabalho

Porque o proletariado resiste ao pioramento das suas condições de vida, a burguesia acha horrível que ele se não sujeite a todos os sacrifícios e faça na desmoralização das forças produtivas. Assim se exprimiu o norte-americano Hoover, que preside à organização das tropas e abastecimentos interiores.

E na opinião do *Temps*, para se restabelecer a abundância, bastaria destruir o sovietismo, dominar a onda de revolta que invade a Inglaterra e a América, e voltar ao dia de trabalho de dez horas!

Phédon comenta esta extraordinária doutrina da seguinte forma, no *Populaire de Paris*, de 12 de Agosto:

A doutrina reaccionária que deste modo se exprime, vendo o remédio para o mal presente numa coerção agrava e numa ditadura burguesa fortalecida, é tam débil que quase nem é preciso discuti-la.

A *Entente* tudo tem feito para subjugá-la.

O comunismo, os *meneurs*, costumam ligar os actos às palavras? Temos feito viva propaganda contra a exploração patronal e queremos tomar conta da produção, na nossa qualidade de sindicalistas revolucionários. Esse princípio queremos aplicá-lo à nossa indústria e, assim, começámos, há pouco, executando um plano há muito delineado.

Mas, afinal, inquirimos — como é que tem feito obra revolucionária sem que se tenha notado?

O camarada deve estar lembrado de que no ano passado realizámos o nosso congresso de indústria em Setúbal, ficando nessa ocasião aprovada uma tese intitulada: «O desenvolvimento da produção e meios de debelar a crise na nossa indústria» e outra sobre: «A aprição da direcção direcção do trabalho pelo colectivo». Imediatamente lançámos mãos à obra e organizámos o nosso Conselho Técnico, que começou logo a negociar, com diversas entidades, a execução de vários trabalhos.

— Então não sabe que nós, os agitadores profissionais, os *meneurs*, costumamos ligar os actos às palavras? Temos feito viva propaganda contra a exploração patronal e queremos tomar conta da produção, na nossa qualidade de sindicalistas revolucionários. Esse princípio queremos aplicá-lo à nossa indústria e, assim, começámos, há pouco, executando um plano há muito delineado.

Mas, afinal, inquirimos — como é que tem feito obra revolucionária sem que se tenha notado?

O camarada deve estar lembrado de que no ano passado realizámos o nosso congresso de indústria em Setúbal, ficando nessa ocasião aprovada uma tese intitulada: «O desenvolvimento da produção e meios de debelar a crise na nossa indústria» e outra sobre: «A aprição da direcção direcção do trabalho pelo colectivo».

— Não, queremos trabalhar mais, produzir mais. As regalias dos nossos camaradas que gozam os benefícios do regime comanditário serão aumentadas assim que os lucros dêem para isso, pois irão reforçar a verba do Cofre do Solidariedade, habilitando este a instaurar o subsídio de 40%.

— Isso na realidade é admirável, é que os camaradas ficarão por ai?

— Não, queremos trabalhar mais, produzir mais. Devido à atmosfera que existe contra os operários organizados e à perseguição que todos os governos lhes movem, nada pudemos fazer, apesar de termos apresentado diversos orçamentos a particulares e a comissões administrativas de obras do Estado.

— O que nos admira é como os camaradas conseguiram fazer uma obra de tam largo alcance, apesar das dificuldades que encontraram a cada momento.

— Tudo isto é produto do trabalho daqueles que, de quando em quando, arremessaram para os cérceres da nossa «democrática» Repúblia, que recebem cotidianamente os maiores insultos; que são acusados de receber dinheiro dos alemães, dos monárquicos, demócraticos, sidonistas e, enfim, de todos os partidos políticos existentes e por existir neste país. De justiça é dizer que vivemos como entusiastas colaboradores, o nosso velho camarada e amigo José Maria Gonçalves, antigo tipógrafo da Imprensa Nacional. Como o camarada vive, deseja trabalhar, produzir, fazer alguma coisa; mas, como já disse, os governantes não nos deixam trabalhar à vontade, porque, dizem, não há qualquer decreto que portaria que confira às associações, o direito de tomar conta dos trabalhos do Estado.

— E quanto monta a importância desses trabalhos...

— Os trabalhos, são na realidade, bastante importantes, estando avaliados algumas dezenas de contos de réis.

— E quais são essas obras e os locais onde se erguem?

— Actualmente temos em construção duas escolas primárias, anexas à Escola Normal de Benfica, e sendo o pessoal grevista demolido a velha Morgue e encenado os cimboucos para o novo edifício, que será executado também por nós. Estamos tratando de começar a construção de uma escola para o sexo feminino, também anexa à Escola Normal de Benfica.

— E quanto custa a construção de uma escola?

— Mais, afinal, as obras de que a Federação tomou conta não são do Estado?

— São, mas foram as comissões administrativas, que tem autonomia, que deliberam por entenderem que o trabalho executado directamente pelos operários seria mais barato, sendo feito com perfeição e rapidez, entregando-o à Federação. Olhe, temos um contrato para a construção dum edifício destinado

ORGANIZANDO A REVOLUÇÃO...

EMPREENDIMENTO ARROJADO

A Federação da Construção Civil, ao abrigo do seu estatuto, que determina a apropriação da produção pelos organismos sindicais, toma conta da construção de alguns edifícios públicos.

O que sobre essa importante questão nos diz o secretário geral da Federação da Construção Civil.

Como são dirigidos os trabalhos — A repartição dos lucros

— Quem orienta os diversos trabalhos?

— Como já disse, temos um Conselho Técnico, que é composto dos melhores profissionais desta indústria, eleitos nas assembleias gerais dos respectivos sindicatos e são esses camaradas que apresentam tudo o que se relaciona com as obras que temos em construção, guiando-se pelo que dispõe a «Organização Sindical do Trabalho», no seu capítulo 1.º, que é do teor seguinte:

1.º Eliminar os interesses dos intermediários entre operários e patrões;

2.º Organizar o trabalho em comanditáis;

3.º Desenvolver a educação profissional e moral dos operários;

4.º Organizar estatísticas para a aquisição de produção da indústria;

5.º Estudar todos os assuntos relativos ao desenvolvimento da indústria;

6.º Desenvolver o trabalho na indústria, aperfeiçoando-o tanto quanto possível para que os proprietários entreguem a laboração do trabalho das suas propriedades à nossa organização;

7.º Monitorizar as oficinas, ou exploração de trabalhos de tudo que diga respeito à indústria em qualquer ponto do país.

— E como organizaram os trabalhos em comanditáis?

— Da seguinte maneira: em cada obra existe um delegado do Conselho Técnico que, no acto de admissão do pessoal, lhe apresenta o regulamento da comanditá,

A GREVE FERROVIARIA

A C. P., queimando os últimos cartuchos, faz ameaças que sabe não poder efectivar — O pessoal responde-lhe abandonando o serviço — O governo cruza budicamente os braços

Há 59 dias que dura a greve ferroviária, isto é, há 59 dias que na mais importante artéria de comunicações do país, a circulação está quase paralisada, por mais que os balões de oxigénio das notas optimistas da C. P. e do governo tentem imprimir-lhe um simulacro de vida. Por toda a imensa região sulcada pelas linhas da C. P., que é a maior parte do país, as mercadorias acumulam-se em casa dos produtores por falta de meios de transporte e vão rareando, cada vez mais, nos grandes centros onde o fato vai produzindo a sua constante elevação. Todo o centro do país dá a impressão de uma árvore atacada na raiz e que se vai esfolando porque nela a sétiva não circula.

Pois o governo cruza os braços budicamente e a C. P. ameaça.

Aqueles que, iludidos pelas afirmações de que os serviços ferroviários se encontram normalizados, se aventuraram a confiar as suas mercadorias à C. P., em breve se deslumbraram quando se encontraram roubados e sem esperança de ser indemnizados pois a C. P. se escusa no caso de força maior para se negar a isso.

E o governo cruza os braços budicamente e a C. P. ainda ameaça.

Comunicam-nos de Beja que o guarda-freio do S. S., João António Machado continua recrutando indivíduos nas minas para desempenharem o papel de traidores na C. P. A sua repugnante missão não tem sido muito feliz, pois além de ter recrutado um número muito restrito de amarelos teve ontentado estação de Faro, o justo correctivo.

O miserável, arrogante e a qual-

dade de engenheiro categoria que pomposamente diz exercer após a greve solucionada — puxou da pistola da ordem, resultando-lhe a audácia o ser preso pela guarda republicana.

A maioria dos indivíduos recrutados, que seguiam no mesmo comboio,

uma vez conhecedor do lógico que lhes haviam armado, desistiu de seguir viagem, tendo ficado por diversas estações, sendo as despesas do seu regresso cesteadas por pessoal de algumas estações.

Continua a normalização

Recolheu a um dos calabouços do governo civil o espanhol Ricardo Barreiros, criado de mesa, travessa de Santana, 30, 2º, o qual, estendendo-o sobre a mesa, acusado de ter desobedecido a um soldado da guarda republicana que o agrediu com espada, atribuindo o desastre a actos de sabotagem praticados pelos grevistas.

Ora a imprensa deve saber muito bem que as linhas são vigiadas pela tropa, muito especialmente nas proximidades de Lisboa, e, portanto, não podem os grevistas aproximar-se da linha e permanecer ali sem que sejam surpreendidos. Nestas condições, devem os actos de sabotagem obedecer a plano da companhia ou de qualquer outra entidade, de acordo com as respectivas sentinelas vigilantes.

Se quisermos entrar no campo da violência, não teríamos consentido que se puvessem em circulação quaisquer comboios, porque sabemos bem o que seria necessário para isso. Não precisamos, porém, de recorrer a isso, porque a C. P. se encarregará de paralisar o serviço, em primeiro lugar por falta de máquinas e, ao mesmo tempo, porque esse serviço é cada vez mais, um verdadeiro caos, por si faltarem os profissionais como bem demonstrado está com o que sucedeu com o comboio da Figueira que, ontem circulou com quatro máquinas para conseguir chegar a Lisboa. Uma máquina da Figueira a Caldas, outra de Caldas a Bombarral, mais outra de Bombarral a Pêro Negro e ainda outra desta estação a Lisboa.

O que sucede com este comboio re-

cebe diariamente com todos os os-

tes, permitindo alguns fôrtes dos pontos respectivos com prejuízo de todos, mas, como assim o querem... assim o hão de ter.

Repetimos: Enquanto o pessoal anti-greve não se apresentar, sem exceção o serviço há de ser o que tem sido até agora.

Quando, no dia 27, passava em Cascais um comboio de mercadorias, foi notado que sobre um vagão que transportava cascos com vinho, iam alguns ferroviários amadores, contentíssimos com a manobra, empunhando uma enorme mangueira que era aplicada à subtração do precioso uísque.

Os consignatários deviam protestar energeticamente para que tais actos fivessem um termo. Mas assim o querem... Vem mais um voto de confiança ao governo, que, com a sua casmurice, está pondo a sique a C. P. ou, melhor, que lhe contam as remessas.

Pobre pais!

Se todos os que são prejudicados se queixassem, como ontem se queixou em *O Combate* um assinante da Amora, a propósito de uma assinatura que nada lhe vale, já o conflito teria acabado e os caprichos da C. P. e do governo teriam morrido à nascença.

— De novo o pessoal está abandonando o serviço e com grande entusiasmo se vêm reunir aos companheiros em luta, entre os quais serão acolhidos, como se não os houvessem abandonado, porque assim virão reforçar a nossa luta, moral e materialmente.

Que sejam bem vindos, para, com suas coragens desta vez, saberem retribuir aquilo a que todos temos juiz.

— Da Linha há ignais notícias.

Proletários dos Caminhos de Ferro: Avante! Não vos deixeis vencer pelo desânimo, pois a vitória há de ser de todos, porque nos pertence, custe o que custar.

— A luta!

Abajo os despotas! Viva a greve!

— O Comité Central

Nota Oficiosa do Sindicato

Continuam chegando notícias animadoras, segundo as quais, camaradas debastantes os pontos da Linha estão dispostos a continuar lutando até à vitória.

Outras notícias, como seja a de que o pessoal de Braga de Prata, indignado

A BATALHA

NO PALCO PARLAMENTAR

Legislando para os outros

DISCURSOS, LARACHAS & VOTAÇÕES

MENÚ: O sr. Manuel José da Silva, socialista e o sr. Dias da Silva, também socialista, travam grossa discussão por o primeiro ter sido ministro — E discutida a responsabilidade dos socialistas na obra desgraçada dos governos em que participaram

DEPUTADOS

Prosseguindo no debate sobre o funcionamento dos tribunais militares tem a palavra o sr. Manuel José da Silva, socialista, que entende que não devemos intervir nas decisões do júri de tribunais militares — São estes os direitos organizados legalmente dos operários.

O sr. Jorge Nunes, usando depois da palavra de Braga de Prata e que não aconselhamos ao restante pessoal da linha, pois que representa uma força moral para as nossas justas aspirações e que provará quanto vale ser consciente e quanto agrada receber os louros da vitória após uma luta intensa e deveras extenuante. Consta-nos que o pessoal é de mais estações lhe vai seguir o exemplo.

Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto: Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

Um desqualificado

Comunicam-nos de Beja que o guarda-freio do S. S., João António Machado continua recrutando indivíduos nas minas para desempenharem o papel de traidores na C. P. A sua repugnante missão não tem sido muito feliz, pois além de ter recrutado um número muito restrito de amarelos teve ontentado estação de Faro, o justo correctivo.

O miserável, arrogante e a qual-

dade de engenheiro categoria que pomposamente diz exercer após a greve solucionada — puxou da pistola da ordem, resultando-lhe a audácia o ser preso pela guarda republicana.

A maioria dos indivíduos recrutados, que seguiam no mesmo comboio,

uma vez conhecedor do lógico que lhes haviam armado, desistiu de seguir viagem, tendo ficado por diversas estações, sendo as despesas do seu regresso cesteadas por pessoal de algumas estações.

Continua a normalização

Recolheu a um dos calabouços do governo civil o espanhol Ricardo Barreiros, criado de mesa, travessa de Santana, 30, 2º, o qual, estendendo-o sobre a mesa, acusado de ter desobedecido a um soldado da guarda republicana que o agrediu com espada,

terminou por perguntar ao sr. presidente do ministério se já foram postos em liberdade os presos no Porto, respondendo que não devemos intervir nas decisões do júri de tribunais militares.

O sr. Manuel José da Silva não podendo prosseguir, assediado pelos apêndices, pediu um momento para se explicar.

Contra esta afirmação insurge-se, desmentindo-a, o sr. Augusto Dias da Silva.

O orador, prosseguindo, define a atitude do partido socialista perante a guerra sendo algumas das suas declarações contradizidas por vários deputados republicanos.

O sr. Manuel José da Silva não podendo prosseguir, assediado pelos apêndices, pede a Câmara que o oitavo comitê de propaganda contra o regime, por isso que é da competência dos socialistas, declare que não devemos intervir nas decisões do júri de tribunais militares.

Sobre o incidente Dias da Silva, declarando que é da competência dos socialistas pro-nacionalizarem no Congresso, sobre o assunto estabelecido no decreto-lei que os senhores deputados devem se ocupar.

O sr. Jorge Nunes, usando depois da palavra de Braga de Prata e que não aconselhamos ao restante pessoal da linha, pois que representa uma força moral para as nossas justas aspirações e que provará quanto vale ser consciente e quanto agrada receber os louros da vitória após uma luta intensa e deveras extenuante. Consta-nos que o pessoal é de mais estações lhe vai seguir o exemplo.

Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto:

Em Valado a máquina 359, em Mogorinho a máquina 05-A; em Espinho há também a máquina de um comboio de passageiros avariada.

— Como está o serviço normalizado, vamos citar, sem comentários, quais as máquinas avariadas ontem até o Porto: